



PRA  
te VER  
MELHOR

GINA BLAXILL



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PRA  
te VER  
MELHOR



GINA BLAXILL

*Tradução*

Marcia Blasques

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECEDENTE PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Gina Blaxill, 2021  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023  
Copyright da tradução © Marcia Blasques  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *All the Better to See You*

*Preparação:* Marcela Prada Neublum  
*Revisão:* Tamiris Sene e Ricardo Liberal  
*Projeto gráfico e diagramação:* Márcia Matos  
*Adaptação de capa:* Renata Vidal  
*Ilustrações de capa:* Scholastic, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Blaxill, Gina

Pra te ver melhor / Gina Blaxill; tradução de Marcia Blasques. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.  
320 p.

ISBN 978-85-422-2159-6

Título original: All the Better to See You

1. Ficção inglesa 2. Contos de fadas I. Título II. Blasques, Marcia

23-2407

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa

Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986 - 4º andar  
01415-002 - Consolação  
São Paulo/SP  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



## CHAPEUZINHO

**A**LGUMA COISA ESTALOU BEM ATRÁS DELA. CHAPEUZINHO parou, passando o pacote que carregava de um braço para o outro. Será que tinha alguém ali?

Mas tudo o que conseguia ouvir eram os sons habituais da floresta no fim da tarde: o barulho suave dos galhos que balançavam de um lado para o outro, o piado abafado de um passarinho. Chapeuzinho voltou a caminhar e pensou que era uma pena que o medo generalizado impedisse que as outras pessoas vissem a floresta de Amor como ela via. Na verdade, era bem bonita. Árvores altas e elegantes com manchas prateadas nos troncos, folhas de um verde exuberante no verão, o pequeno riacho com um gotejar suave e vários passarinhos diferentes, muito dóceis, que saltavam nos pés de Chapeuzinho quando ela lhes jogava migalhas de pão. No inverno, as árvores nuas eram um pouco sinistras, mas ainda havia certa beleza no brilho do gelo na água e na brancura reluzente e imaculada da neve.

Havia o lobo, é claro, mas Chapeuzinho ouvia histórias assustadoras sobre a criatura com tanta frequência que havia muito tinha parado de prestar atenção nelas. Parecia bobagem que homens e mulheres adultos tivessem medo de um animal que não era visto

havia cinco anos. Chapeuzinho se lembrava vagamente do que as pessoas ainda chamavam de “o inverno do lobo”. Vários habitantes da vila, em geral lenhadores e comerciantes que atravessavam a floresta para cortar caminho até a estrada que levava à cidade, foram arrastados e devorados. Aquele inverno, escondidos em casa, com as portas trancadas e as janelas travadas com firmeza, durou uma eternidade.

Naquela época, ela ainda era uma criança, livre para passar os dias vagando pela floresta, colhendo flores e molhando os pés no riacho. Provavelmente, o lobo mau estava morto havia muito tempo. Chapeuzinho jamais o vira e fugia para a floresta sempre que podia, para desespero de sua mãe.

Chapeuzinho sorriu. No entanto, ao se lembrar do que aconteceu mais cedo, sua expressão mudou.

Quando a vela que a Vovó colocava todas as noites na janela da frente de seu chalé apareceu, estava totalmente escuro. A Mamãe não ficaria feliz por ela estar fora de casa tão tarde. Chapeuzinho apressou o passo e bateu com força na porta.

— Sou eu — chamou. Teve que esperar alguns minutos antes de ouvir o barulho da trava que indicava que a Vovó estava destrancando a porta.

— Cheguei em um mau momento? — perguntou quando a porta se abriu e a Vovó, embrulhada em um grosso xale de lã de ovelha e, apesar da idade, com a postura ereta, apareceu. O sorriso dela fez seus olhos castanhos brilharem.

— Nunca é um mau momento para ver minha neta. — Ela pareceu um pouco sem fôlego ao ajustar a touca ligeiramente torta. Em geral, a Vovó nunca estava tão desgrenhada assim. — Olhe para suas bochechas rosadas! Venha se aquecer. Espero que tenha

permanecido na trilha, como uma boa garota. Você não sabe como a floresta é perigosa?

Chapeuzinho deu uma risadinha.

— A voz da Mamãe não é nem de longe tão estridente.

— Melhor assim? — a Vovó perguntou, engrossando a voz, e Chapeuzinho riu de novo.

— Ficou pior! Você está bem, Vovó? Você parece um pouco...

— Velha e devagar? — A Vovó deu uma gargalhada, e Chapeuzinho decidiu deixar para lá. Deve ter atrapalhado a soneca da Vovó.

— Você nunca vai parecer velha para mim, Vovó. Mas está certa — suspirou. — Tenho certeza de que a Mamãe vai me dar uma bronca quando eu chegar em casa. Ela não quer que eu venha visitá-la se estiver escurecendo, mas, se eu não fizer isso, nunca vou conseguir ver você. Na maior parte do tempo, não consigo sair da padaria antes do anoitecer, e agora os dias estão tão curtos.

A Vovó emitiu um ruído que demonstrava compreensão, pegando a capa de Chapeuzinho e pendurando-a ao lado da sua. Embora a Vovó raramente acendesse o fogo, preferindo se aquecer com as várias camadas de roupa, seu chalé em ruínas sempre parecia acolhedor para Chapeuzinho. Era minúsculo – um cômodo que servia de quarto e sala de estar, separados por uma cortina de tapeçaria, e depois uma cozinha tão apertada que Chapeuzinho sempre batia em alguma coisa quando se virava do armário para a mesa de madeira bamba onde a Vovó preparava as refeições. Embora nunca tivesse morado ali, a garota se sentia mais em casa no chalé do que na casa que dividia com a mãe.

— Falando na padaria, por acaso são pães de mel? — A Vovó pegou o pacote de Chapeuzinho e o colocou sobre os joelhos ao se sentar na cadeira de balanço. — Ah, frutas secas, que maravilha. Como vai tudo por lá?

Chapeuzinho se juntou a ela, puxando um banquinho. A Vovó disfarçava, mas sua vista já não era a mesma havia um ano.

— Ainda odeio. Imagino que não seja o pior lugar para se trabalhar, mas, honestamente, sou ruim em tudo. Sovar a massa exige muita força e, embora meus braços já não sejam tão fininhos como costumavam ser, é um trabalho pesado. Também não sou muito boa em cozinhar as frutas ou as carnes para as tortas... sempre corto errado ou queimo alguma coisa. E não tenho o olho da Martha para confeitaria, não que ela me deixe ajudá-la com seus preciosos biscoitos gelados, mesmo se eu fosse boa nisso.

— Ela é muito frágil para o trabalho pesado, não é?

— Algo assim. — Chapeuzinho brincou com o punho de seu vestido, que tinha uma crosta de massa seca. — Ela vai gritar comigo amanhã porque confundi os pedidos de pão. Os pais dela já me avisaram que, se eu cometer mais um erro, terei de encontrar outro emprego, mas Martha também vai querer dar seu pitaco. — Ela esfregou a têmpora. — Foi minha culpa. Eu estava distraída. Talvez eu seja uma inútil.

— Você não é inútil e não vai ser levada a se sentir assim por uma garota sem graça como Martha Baker. — A voz da Vovó era cortante. — A padaria não é o lugar certo para seus talentos, é só isso.

— E qual é o lugar certo, então? — Chapeuzinho se sentia impotente. — Tentei trabalhar como costureira, como a Mamãe, mas fico tão inquieta trabalhando com uma agulha, e ninguém me contrataria como empregada doméstica. De algum modo, sempre acabo dizendo a coisa errada.

*Apenas um dos motivos pelos quais não tenho amigos, pensou Chapeuzinho, mas não disse nada.*

— Meu amor... — diz Vovó segurando os ombros de Chapeuzinho, os olhos astutos e bondosos. — Sei que a vida não tem sido

fácil. Mas não há nada de errado em ser diferente. Por mais que as outras garotas a façam se sentir assim. Elas se sentem ameaçadas porque você faz com que olhem para si mesmas, é só isso.

Chapeuzinho não conseguia imaginar que Martha Baker, com seus cabelos castanho-avermelhados brilhantes e seus bons modos, pudesse se sentir ameaçada por ela, e Martha nem era a pior delas. Ainda bem que Chapeuzinho quase não via Sabine Forrester ultimamente. Suas provocações queimavam a memória de Chapeuzinho como uma marca na pele.

— A única coisa pela qual se sentem ameaçadas é o lobo.

— Aquela velha história assustadora?

— As pessoas voltaram a falar nisso. O galinheiro dos Miller foi invadido. Encontraram rastros de penas até a beira da floresta. E algumas pessoas afirmam ter visto o lobo. — Chapeuzinho se inclinou para a frente, segurando a mão da Vovó. Parecia mais ossuda do que costumava ser. Mais frágil também. — Vovó, você está em segurança aqui? Às vezes me preocupa que esteja tão longe da vila, e sozinha.

A Vovó deu uma gargalhada.

— Ainda não fui devorada.

— Vovó, estou falando sério. Talvez pudesse passar o inverno conosco.

— Se tivesse que dividir a casa com sua mãe, eu ficaria louca, e isso é muito mais assustador do que um animal que pode ou não existir. Você não tem medo, tem?

Chapeuzinho hesitou. Será que tinha medo?

— Os outros têm, e isso me faz pensar que eu também deveria ter.

— Não deveria. Os habitantes da vila estão obcecados por esse animal. Sempre houve matilhas de lobos na floresta. São criaturas tímidas, com mais medo de nós do que nós deles.



Suavizando a voz, Vovó continua:

— Minha linda netinha... uma vida de medo não é vida. Ande com a cabeça erguida e não duvide de si mesma. Se quer saber, a vila é o lugar realmente perigoso.

— O que quer dizer?

— Deixa para lá. O que estou dizendo é para não dar ouvidos às pessoas. A única coisa que deve ouvir é o seu coração.

Ela fazia aquilo parecer tão simples. Embora não tivesse certeza de que a Vovó estava certa, Chapeuzinho se sentiu, ainda que por um segundo, poderosa.

— Eu gostaria de ser mais como você.

— Somos mais parecidas do que imagina, Chapeuzinho Vermelho. Vamos experimentar esses pãezinhos e falar sobre coisas mais alegres, que tal?

Chapeuzinho sorriu ao ouvir o apelido de infância enquanto se levantava para pegar uma faca.

— Como quiser, Vovó. Afinal, quem tem medo do lobo mau?



## ELLIS

**N**ÃO HÁ DÚVIDAS, PENSOU ELLIS. O GALINHEIRO TINHA SIDO arrombado. A grande questão era quem teria sido o responsável. — É inveja, pura e simples — dizia o pai de Ellis, pelo que parecia ser a centésima vez. O senhor e a senhora Miller estavam dentro de casa, bem ao lado do moinho, mas a porta da frente estava entreaberta, e Ellis conseguia ouvir a conversa mesmo estando do lado de fora. — As pessoas se ressentem de nós. Veem nossos sapatos novos e casacos quentes e presumem que tudo é fácil. Querem nos ver sofrer como elas.

— Elas não tiveram as mesmas oportunidades que nós. — Ellis achou que a voz da mãe parecia fria e carregada. Então ouviu o barulho de algo sendo arrastado. Imaginou o pai se aproximando da mãe, colocando o braço em volta dela.

— Fizemos o que tínhamos que fazer, meu amor. Isso foi há muito tempo. Precisávamos nos proteger, preservar nosso futuro.

O que quer que sua mãe tenha dito na sequência, Ellis não entendeu. A voz seguinte foi de seu pai, clara e enérgica:

— Tive uma discussão desagradável na vila, mais cedo. Acusado de cobrar demais pela farinha. Amos Baker ficou bem agressivo.